

Planeamento para o desenvolvimento compatível com o clima em Maputo



Um momento chave?

As mudanças climáticas agravam os riscos ambientais que Maputo já enfrenta e destacam as vulnerabilidades associadas com a desigualdade urbana. O nosso projecto surge da convicção de que os cidadãos podem semear ideias para estratégias eficazes para lidar com as mudanças climáticas.

Quando Dr Carlos Seventine, do Fundo do Ambiente em Moçambique (FUNAB), encontrou os outros membros da nossa equipa num workshop sobre as mudanças climáticas em Londres em 2011, ele deixou claras as suas preocupações: "Para resolver os problemas das mudanças climáticas em Maputo, temos de entender o que os cidadãos precisam". Esse desafio juntou um grupo de investigadores interessados em incorporar as vozes dos cidadãos no planeamento para as mudanças climáticas. As comunidades urbanas possuem estratégias para enfrentar os riscos das mudanças climáticas e reduzir a sua dependência dos recursos. Se as instituições ou as empresas locais vão poder responder às preocupações dos cidadãos, terão

de encontrar mecanismos para compreendê-las.

No planeamento urbano, as parcerias envolvem diversas partes que, na mesa de negociações, falam entre si como iguais. Nesse processo, os governos podem liderar a acção e facilitar o trabalho dos outros actores. As empresas também têm um papel chave na resposta aos desafios das mudanças climáticas. Igualmente, os cidadãos e as comunidades deviam ter uma voz no planeamento para as mudanças climáticas, primeiro, porque é um fórum importante para a melhoria da democracia e segundo, porque as suas experiências da cidade do dia-a-dia podem fornecer percepções importantes sobre os impactos e soluções potenciais a esses desafios.

A mudança climática nas cidades

Os impactos das mudanças climáticas, como a subida do nível do mar e as inundações, terão um efeito grande nas vidas dos cidadãos mais pobres. De acordo com o IPCC (SREX, 2011), "a prática, as políticas e os resultados do desenvolvimento têm uma influência crítica sobre os riscos de desastres". Além disso, como argumentado pelo UN-Habitat, as cidades "têm as soluções para fazer avançar a proteção do clima".

O que é desenvolvimento compatível com o clima?

O Desenvolvimento Compatível com o Clima (CCD) consiste em estratégias de desenvolvimento que "salvaguardam o desenvolvimento dos impactos climáticos (desenvolvimento resistente ao clima) e reduzem as emissões ou mantê-las baixas, sem comprometer as metas de desenvolvimento (isto é: desenvolvimento com baixas emissões)". Assim, o CCD é uma resposta às pessoas que consideram que a adaptação às mudanças climáticas, a mitigação das mudanças climáticas e o desenvolvimento têm objectivos diferentes. Para mais informações sobre o CCD, visite o site cdkn.org

Parcerias

Grupos sociais, instituições do governo e empresas podem entrar em parcerias para o fornecimento de serviços urbanos sustentáveis. As parcerias surgem como um instrumento chave para lidar com os desafios na realização de serviços com baixas emissões de carbono e resistentes às mudanças climáticas.

As parcerias unem as acções dos diversos actores que operam em diferentes escalas (local, nacional, global). Elas podem ter a flexibilidade necessária para lidar com futuros incertos e novas exigências de desenvolvimento. No entanto, as parcerias estão abertas à apropriação por parte de alguns actores e nem sempre são o mecanismo mais eficaz para o fornecimento de serviços urbanos.

Numa parceria de sucesso, os participantes têm que ter objectivos mutuamente compartilhados. Mesmo se não concordarem em tudo, os participantes sempre concordam em concentrar-se num problema comum e concordam na necessidade de sua colaboração.

Muitas vezes, uma parceria de sucesso depende de um acordo negociado em que todos os participantes estão satisfeitos com o resultado. Quando chegar a um consenso, os participantes sentem que suas objeções são menos significativas de que a meta comum. Este é um processo difícil, que depende muitas vezes das relações existentes entre os participantes, das pressões externas sobre os participantes e do contexto em que a parceria funciona.

Parcerias em Maputo

Já existem parcerias em Maputo lideradas por cidadãos e instituições que estão interessadas em abordar diversos aspectos das mudanças climáticas. Foram estudados três exemplos existentes (ver tabela), que nos ensinaram os seguintes princípios de parceria:

- 1) as parcerias devem ser entendidas como fóruns de instituições, organizações e associações.
- 2) dentro das parcerias, os actores existentes nem sempre adoptam um papel pré-determinado - a parceria define os papéis.
- 3) as parcerias podem transferir as responsabilidades para a protecção do clima e para o fornecimento de serviços a actores com menos poder.

Parceria	Redução do risco de desastres	Abastecimento de água	Recolha e reciclagem de resíduos
Quem participa?	UN-Habitat Instituições do Governo Central (INGC e outros)	FIPAG (Fundo de Investimento e Patrimônio de Abastecimento de Água) e pequenos operadores privados (fornecedores de água)	AMOR (Sociedade Civil) e catadores
Qual é o papel de governo?	Apoio à implementação	Financiamento de investimento em infraestruturas	Inexistente
Qual é a escala?	Nacional e internacional	Nacional e local	Local
Que são as forças que motivam o diálogo?	Gestão do risco de desastres a nível nacional	As necessidades dos pequenos operadores nas áreas carentes	Relação de dependência mútua
Qual é a contribuição à gestão das mudanças climáticas em Maputo?	Responde à necessidade de incorporar as prioridades locais	Atinge as áreas carentes	Melhora a saúde pública, proporciona empregos locais e garante a continuidade
Já produziu novas instituições?	Não	Pequenos operadores privados	Centros de recolha ('ecopontos')
Que são os mecanismos de participação do cidadão?	Cidadãos consultados no processo participativo, mas não fazem parte da parceria	Pequenos operadores podem responder às suas necessidades	Catadores respondem directamente às necessidades de recolha de lixo

Resiliência e Capacidade de Adaptação

Resiliência refere-se à capacidade de um sistema para se adaptar aos choques; por exemplo, a capacidade de uma cidade para responder a um desastre natural. Capacidade de adaptação refere-se ao potencial das pessoas para antecipar ou responder a esses choques. Resiliência tem implicações para a concepção de estratégias para aumentar a capacidade de adaptação das pessoas.

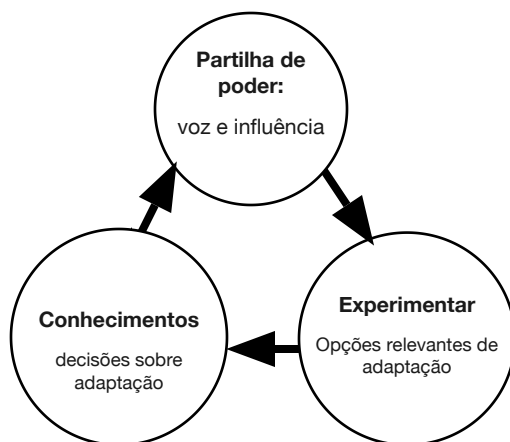
A experiência mostra que as pessoas afectadas por catástrofes naturais têm poucas oportunidades de encontrar fontes alternativas de subsistência. As oportunidades frequentemente dependem de processos de regulamentação institucional, que estão fora da influência da maioria dos indivíduos: por exemplo, quando os processos dependem da ajuda externa ou de políticas nacionais. Isto sugere que os cidadãos terão uma maior capacidade de adaptação quando são capazes de influenciar as políticas, processos e regulamentos a nível distrital ou nacional.

A experiência mostra também que as respostas a desastres dependem de diferentes fontes de conhecimento. Assim, ter os meios de comunicação entre os cidadãos e as instituições também é uma estratégia para aumentar a capacidade de adaptação.

Finalmente, no contexto de incerteza, não existem soluções prontas. Assim, a experimentação é necessária para aprender como as desastres se desdobram no contexto real. Como mostrado na ilustração, a capacidade de adaptação relaciona-se a três factores interligados:

- 1) Acordos de partilha de poder que aumentam as redes, a voz e a influência das comunidades.
- 2) Mecanismos para compartilhar conhecimentos e informações para decisões sobre adaptação.
- 3) Oportunidades para experimentação e testagem de opções de adaptação.

Estas conclusões não se limitam ao pensamento sobre a adaptação. Também dizem respeito à possibilidade de catalisar a acção para o desenvolvimento com baixas emissões de carbono.



6 passos para completar o PAPD

O Desenvolvimento Participativo do Plano de Ação (PAPD) é um método de formação de consenso para utilizar com as comunidades desfavorecidas. O PAPD é composto por seis actividades que proporcionam uma abordagem estruturada e replicável para ajudar as pessoas a identificar os seus problemas comuns e os caminhos para a resolução desses.

1. Preparação e recolha de conhecimentos do contexto
2. Censo e priorização dos problemas
3. Recolha de informações e comunicação entre todas as partes interessadas através do trabalho em pequenos comitês
4. Análise de soluções em relação a factores ambientais, sociais, técnicos, políticos e de sustentabilidade
5. Retorno ao público e comunicação dos resultados aos interessados
6. Desenvolvimento de planos de acção, seguido pela implementação

Implementação em Maputo

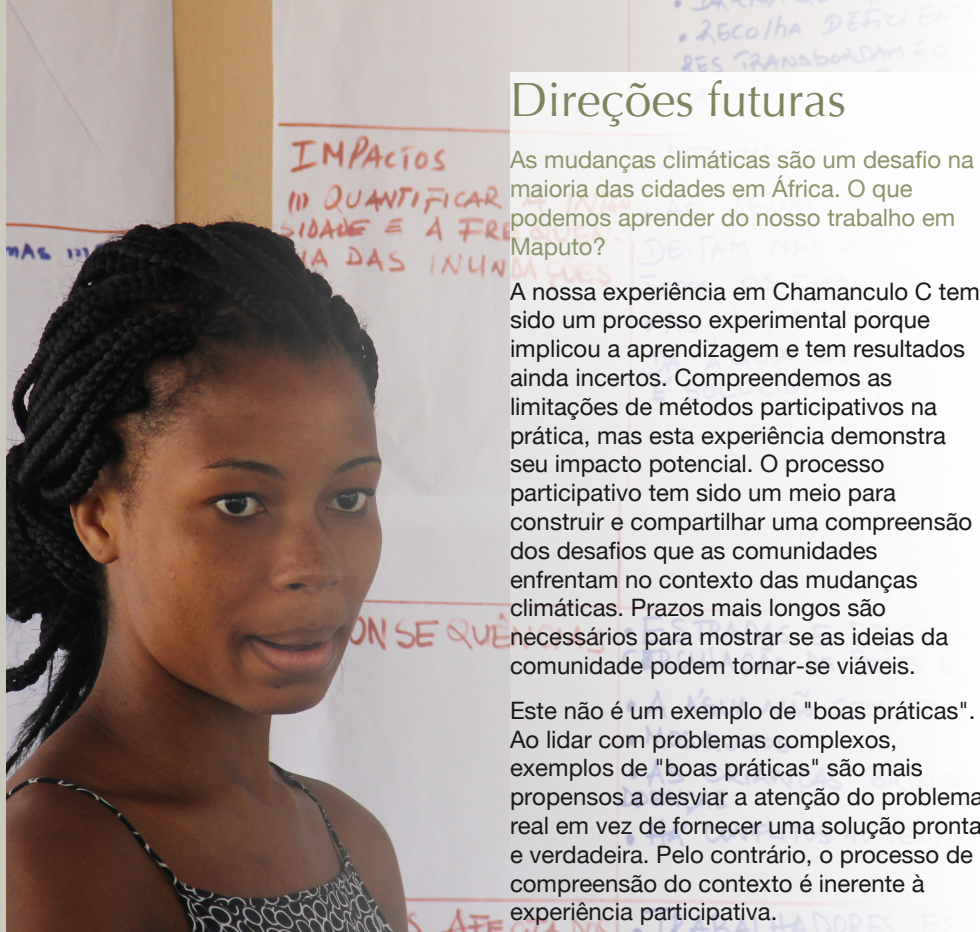
De Novembro de 2012 até Junho de 2013, a nossa equipa realizou um exercício participativo no bairro de Chamanculo C com o apoio de instituições locais e com a colaboração da AVSI, uma ONG que trabalha no bairro. Chamanculo C abriga uma grande população de baixa renda e enfrenta desafios tanto no fornecimento de serviços como de exposição a riscos relacionados com o clima. O desenvolvimento deste bairro é uma prioridade para o município de Maputo, que em 2011 recebeu recursos do Banco Mundial para melhorar o bairro. Neste contexto, o PAPD pode oferecer

novas perspectivas para avaliar a eficácia dos esforços actuais de desenvolvimento e revelar os desafios futuros. Seguindo o PAPD, envolvemos os grupos comunitários que elaboraram uma lista curta de prioridades, tais como a reabilitação de canais de drenagem, a melhoria da recolha e deposição de resíduos, a construção de blocos sanitários e a reparação de tubos de água rompidos. O comité local está a considerar as propostas e como essas podem ser realizadas. Os representantes da comunidade apresentarão suas propostas em Junho de 2013 a uma reunião para fomentar parcerias locais.



UMA INICIATIVA FINANCIADA PELA ALIANÇA CLIMA E DESENVOLVIMENTO

A Aliança Clima e Desenvolvimento ("CDKN") é um projecto financiado pelo Departamento para o Desenvolvimento Internacional (DFID) do Reino Unido e pela Direcção-Geral de Cooperação Internacional (DGIS) dos Países Baixos e é dirigido e administrado pela PricewaterhouseCoopers LLP. A gestão da implementação do CDKN é assumida pela PricewaterhouseCoopers LLP e por uma aliança de organizações, incluindo a Fundación Futuro Latinoamericano, INTRAC, LEAD International, Overseas Development Institute e SouthSouthNorth



Direções futuras

As mudanças climáticas são um desafio na maioria das cidades em África. O que podemos aprender do nosso trabalho em Maputo?

A nossa experiência em Chamanculo C tem sido um processo experimental porque implicou a aprendizagem e tem resultados ainda incertos. Compreendemos as limitações de métodos participativos na prática, mas esta experiência demonstra seu impacto potencial. O processo participativo tem sido um meio para construir e compartilhar uma compreensão dos desafios que as comunidades enfrentam no contexto das mudanças climáticas. Prazos mais longos são necessários para mostrar se as ideias da comunidade podem tornar-se viáveis.

Este não é um exemplo de "boas práticas". Ao lidar com problemas complexos, exemplos de "boas práticas" são mais propensos a desviar a atenção do problema real em vez de fornecer uma solução pronta e verdadeira. Pelo contrário, o processo de compreensão do contexto é inerente à experiência participativa.



DISCLAIMER

Este documento é o resultado de um projecto financiado pelo Departamento para o Desenvolvimento Internacional (DFID) do Reino Unido e pela Direcção-Geral de Cooperação Internacional (DGIS) dos Países Baixos em prol dos países em desenvolvimento. No entanto, as opiniões expressas e as informações contidas no mesmo não são necessariamente as do DFID ou da DGIS nem as apoiadas por estes, ou das entidades que gerenciam a implementação da Aliança Clima e Desenvolvimento (CDKN)*, que não podem assumir responsabilidade por essas opiniões ou informações ou por qualquer confiança depositada nelas.

EQUIPE DO PROJETO

Vanessa Castán Broto, UCL
Emily Boyd, Reading University
Jonathan Ensor, University of York
Carlos Seventine, FUNAB
Surkku Juhola, Aalto University
Charlotte Allen, Consultora
Domingos Augusto Macucule, Consultor

ASSESSORES

Professor Yves Cabannes, UCL
Youcef Ait-Chellouche, UNISDR

AGRADECEMOS O APOIO DE:

Conselho Municipal de Maputo
Fundação AVSI, especialmente Felisbela Materula e os facilitadores Gilda, Martins, Hélio e Júlio
David Vasco Nhancale, Sara Jaime, Telma Elias, Alves Fumo, Ancha Frederico, Ernesto Messias Inguane e outros moradores do Quarteirão 16A, Bairro Chamanculo C.

